



A HISTÓRIA DE HELEN KELLER: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS-CEGOS

Autora: SOLANERES Laértia Nunes Sabino Nascimento

Universidade Federal de Campina Grande solanereslaertia@gmail.com

Coautora: GÉSSIKA Demétrio de Alcântara

Universidade Federal de Campina Grande gskdemetrio@gmail.com

Orientadora: MICHELLE Mélo Gurjão Roldão

Universidade Federal de Campina Grande michelle.gurjao@ufcg.edu.br

Por muitos anos pessoas com algum tipo de deficiência eram rotuladas como indivíduos incompetentes cognitivamente e com incapacidade de adequação à sociedade. Sendo assim, o livro “A história da minha vida” que é a autobiografia de Helen Keller, escritora surda-cega norte americana, surge como quebra de paradigmas a respeito desse público em uma época em que a assistência educacional adequada às necessidades das pessoas especiais não era tão desenvolvida como atualmente e também em um período onde a Língua de Sinais ainda não tinha o status linguístico na sociedade como hoje. Logo tivemos por objetivo nesse trabalho analisar as contribuições da obra em relação ao ensino-aprendizado e ao espaço do surdo-cego no ambiente escolar, pois entendemos que tal literatura é capaz de gerar reflexões quanto ao poder transformador da educação e da linguagem na vida de qualquer sujeito. Para fundamentar nossa pesquisa, nos baseamos nos estudos de Gesser (2009) que discute sobre a Língua de Sinais, o Surdo e a Surdez, nas discussões de Schwartz (2003) e Anquetil (s/d) que abordam a comunicação para surdos-cegos e também em Mantoan (2003) que discute sobre a inclusão escolar. Os resultados parciais desse estudo indicam que o livro em questão é uma ferramenta reflexiva para todos aqueles que discutem sobre a língua e sobre a educação, pois além de revelar métodos de ensino-aprendizagem específicos as demandas da protagonista, também rompem ideias pré-concebidas sobre os surdos-cegos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Língua de Sinais, Surdos-cegos.

INTRODUÇÃO

São vários os problemas que perpassam a história e a educação de surdos, um deles é o desconhecimento da língua de sinais e da cultura surda, o que gera segundo Gesser (2009) muitas ideias pré-concebidas sobre o surdo, a surdez e a língua de sinais. Outro problema é a inclusão dessas pessoas na sociedade e principalmente na vida acadêmica, Gesser (2009) fala da realidade do Brasil, no entanto percebemos que esses problemas também existem em outros países, quando analisamos a história dos surdos com base em Goldfeld (1997). Helen Keller (1880-1968) viveu em uma época muito difícil para os surdos nos Estados Unidos, principalmente para ela que era surda e cega, ela tornou-se a partir da sua

(83) 3322.3222

autobiografia

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

testemunha dessa história. Desta maneira, nós objetivamos analisar quais as contribuições da literatura autobiográfica de Keller para a educação de surdos, entendemos que essa literatura rompe vários discursos pré-concebidos sobre o surdo e nos faz refletir sobre a realidade do surdo no Brasil.

Sendo assim para realizarmos esta análise de cunho interpretativo, utilizamos a autobiografia de Helen Keller intitulada *A História da Minha Vida*, essa obra foi traduzida em língua portuguesa por Myriam Campello através da editora José Olympio de São Paulo no ano de 2008. A obra possui 518 páginas e de modo geral conta a história da jovem americana Helen Keller que devido a problemas de saúde ficou cega e surda aos 18 meses de idade, mesmo em meio às dificuldades de comunicação e de aprendizagem, ela conseguiu superar suas limitações aos sete anos através da sua professora Anne Sullivan que a ajudou tanto nos meios educacionais como em outros aspectos de sua vida.

O livro possui duas divisões, na primeira é apresentado o prefácio do editor com alguns documentos sobre a educação, agradecimento e uma breve consideração sobre o texto. Na segunda parte são mostradas cartas escritas por Helen a sua professora como também um relato suplementar de sua professora sobre a vida e a educação da jovem. Ainda são apresentados dois apêndices com o trecho de *The Word I Live in* e também um trecho de *Out of the dark*.

Diante disso, nosso trabalho foi dividido em fundamentação teórica, análise e considerações finais. A análise foi dividida em duas partes, na primeira parte discutiremos os trechos mais relevantes do livro “A história da minha vida” de Helen Keller, no total foram quatro trechos analisados, intitulados T1, T2, T3 e T4. Por fim, na segunda parte discutiremos as contribuições dessa obra para a educação de surdos-cegos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

São muitos os preceitos inerentes a educação de surdos, o surdo sempre foi visto como o portador de uma anomalia, por essa razão seriam incompetentes cognitivamente e incapacitados de se adequar a sociedade ouvinte. De acordo com Goldfeld (1997), a crença que o surdo era um ser primitivo, e, por isso não poderia ser educado, fez com que ele ficasse à margem da sociedade até meados do século XV. Os primeiros educadores de pessoas surdas começam a surgir apenas no século XVI, trazendo consigo métodos que ora eram baseados na linguagem oral ora na linguagem espaço-visual. Foi nesse século que o movimento espanhol





VII ENLIJE

Pedro Ponce de Leon desenvolveu uma metodologia de educação para crianças surdas que envolvia datilografia, escrita e oralização. Em 1750, o francês Abade Charles Michel de L'Épée cria sinais metódicos, baseados na língua de sinais das pessoas surdas, assim a língua de sinais começa a dar os seus primeiros passos.

A partir de 1821 surge a ASL (Língua de Sinais Americana), adaptada do francês sinalizado, começa a ser utilizada por todas as escolas voltadas aos surdos nos EUA. No entanto, em 1860 com os avanços tecnológicos que facilitam a aprendizagem da fala dos surdos, o método oral ganhou força. Ainda segundo Goldfeld (1997), um dos maiores defensores do oralismo foi o Dr. Alexander Graham Bell, que exerceu grande influência na votação do Congresso Internacional de Educadores Surdos, fazendo com que o uso da língua de sinais fosse proibido, sendo assim o oralismo ganha força total até a década de 60 quando o americano William Stoko sistematizou a Língua de Sinais, demonstrando que ela era uma língua com as mesmas características das línguas orais.

Sendo assim, durante esse período ainda não se havia muito conhecimento sobre a educação dos surdos e muito menos daqueles que eram surdos e cegos, estes aprendiam o alfabeto manual e às vezes aprendiam também a falar. Com base em Schwartz (2003), verificamos que o surdo-cego pode devolver sua oralidade a partir do método Tadoma, neste método a pessoa surda-cega coloca a mão no rosto da pessoa que fala, o polegar nos lábios e os outros dedos na bochecha, mandíbula e língua, enquanto os outros dedos detectam as vibrações nas áreas do nariz e garganta. Para adquirir esse método é necessário um treinamento intensivo e nem sempre é bem aceito, visto que ele implica a aceitação por partes dos locutores de uma mão estranha em seus rostos. Os surdos-cegos podem usar a língua de sinais, mas geralmente preferem comunicar-se através de um método baseado em escrita, como o braile. Isso porque a linguagem de sinais, sendo visual e espacial, é muito difícil de ser apreendida quando não se enxerga, é por isso que métodos que utilizam o tato são mais interessantes para esse público, portanto o alfabeto manual articulado na palma da mão do surdo-cego é bastante utilizado.

O interacionismo é de fundamental importância para a educação das pessoas que possuem ou não algum tipo de deficiência seja na esfera, física, intelectual ou visual, porque de acordo com essa concepção de ensino é levada em consideração as relações de influências dos sujeitos com o meio social em que estão inseridos acreditando que isso possa favorecer o processo de aprendizagem. Segundo esse ponto de vista, o sujeito não é considerado como mero passivo no processo de ensino, e sim, como um sujeito capaz de assumir um papel ativo a favor do seu aprendizado, através da utilização de materiais/objetos e de suas significações.

(83) 3322.3222

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

para conhecê-los de acordo com suas perspectivas, de modo que "o curso do desenvolvimento de um, processo" ele deve oferecer o máximo de oportunidades para que o sujeito experimental se engaje nas mais variadas atividades que possam ser observadas, e não apenas rigidamente controladas." (VYGOSTKY, 1991, p. 14) fazendo assim com que ele aprenda e se desenvolva não só no âmbito educacional, mas também nas demais esferas de sua vida. Sendo assim, podemos dizer que no interacionismo, há a junção e inter relação entre o aprendizado do indivíduo com o seu desenvolvimento. Levando em consideração os estudos de Vygostky (1997) sobre tal teoria que apoia que, o desenvolvimento do aprendiz ocorra por meio da interação social, no caso das pessoas surdos- cegas podemos considerar essa concepção relevante para o seu processo de ensino, pois, mesmo sem a fala, visão e audição seu desenvolvimento irá se apoiar na interação entre si próprio e o meio no qual foi inserido fazendo com que a aquisição do conhecimento seja um processo construído pelos estímulos de tal ambiente ao longo do tempo.

Ainda sobre as considerações de Vygostky (1997) e as relações de sua teoria para o benefício do aprendizado do surdo-cegos, podemos observar que para que a a efetivação do aprendizado ocorra é necessário que durante o processo de ensino, estejam ativamente envolvidos no mínimo dois indivíduos compartilhando suas experiências e vivências para que assim possam ser possibilitadas novas experiências não só da parte do surdo-cego, mas do outro que esteja participando desse processo chegando assim a um novo conhecimento. Outro ponto a ser considerado sobre essa teoria é que, pela aprendizagem ser considerada uma experiência envolvendo o âmbito social, ela deverá então ser mediada por intermédio da interação dos sujeitos com a linguagem, seja a língua de sinais por meio da utilização das mãos ou o Braille que é um sistema linguístico para escrita, que juntamente com a ação/prática terão a função de auxiliar os surdo-cegos em seu processo de ensino aprendizagem. Desse modo, eles estariam sendo levados a aprender com o conhecimento que já possuem de algo, junto ao novo conhecimento que estará sendo apresentado através de métodos específicos para sua compreensão e aprendizado.

Porém, como estamos lidando com uma autobiografia que relata casos de um ambiente escolar que ainda era integracionista, no qual selecionava "os alunos em normais e deficientes, as modalidades de ensino em regular e especial, os professores em especialistas nesta e naquela manifestação das diferenças. " (MANTOAN, 2003, p.13), ainda sobre as observações a respeito da integração Mantoan (op. cit.) pontua que





VII ENLIJE

A lógica dessa organização é marcada por uma visão determinista, mecanicista, formalista, reducionista, própria do pensamento científico moderno, que ignora o subjetivo, o afetivo, o criador, sem os quais não conseguimos romper com o velho modelo escolar para produzir a reviravolta que a inclusão impõe. (MANTOAN, op.cit, p.13)

Sendo assim, por esse método de ensino, os alunos são levados do sistema escolar regular de ensino ao sistema especial em todos os seus tipos de atendimento: escolas especiais, classes especiais em escolas comuns, ensino itinerante, salas de recursos, classes hospitalares, ensino domiciliar e outros. (Mantoan, op. cit, p. 15), portanto podemos dizer que esse meio não possibilita a inclusão do aluno ao ensino, e sim uma inserção parcial fornecendo um ambiente educacional segregado. A deficiência dessa concepção encontra-se na carência de preocupação e trabalho especializado de acordo com a especificidade dos alunos, quando não, na seleção feita apenas há alguns alunos que são considerados capazes de se inserir ao universo escolar.

Para esses casos, são indicados: a individualização dos programas escolares, currículos adaptados, avaliações especiais, redução dos objetivos educacionais para compensar as dificuldades de aprender. Em suma: a escola não muda como um todo, mas os alunos têm de mudar para se adaptarem às suas exigências. (MANTOAN, op.cit, p. 16)

Contrapondo esse ponto de vista integracionista, a inclusão vem justamente para reverter os parâmetros de ensino e da posição do aluno diante dele, considerando que a “distinção entre integração e inclusão é um bom começo para esclarecermos o processo de transformação das escolas, de modo que possam acolher, indistintamente, todos os alunos, nos diferentes níveis de ensino.” (MANTOAN, op.cit, p.17) Assim, poderemos começar a refletir sobre as propostas da educação inclusiva, na qual, conforme aponta Mantoan (op.cit, p.16) “propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades.” Logo, podemos observar que na inclusão, há uma mudança de perspectiva de ambas as partes de funcionamento do ensino e dos sujeitos que estão inseridos nele, “pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.” (MANTOAN, op.cit, p.17) A inclusão considera não só pessoas com algum tipo de deficiência específica surdo-cegos e pessoas de grupos minoritários, ela leva em consideração todos que fazem parte do ensino, todos os sujeitos que estão dentro do ambiente escolar são levados em consideração

Para pensar no lugar dos surdos-cegos na nossa sociedade faz-se necessário conhecê-lo, e é este um dos papéis da literatura, nos aproximar de outras culturas, fazendo-nos viver o





VII ENLIJE

outro. A autobiografia , segundo Teixeira (2003), é uma expressão subjetiva de afirmação perante si próprio e perante os outros, que floresce no homem moderno a partir da relação do mesmo com a vida privada, apontando para certa desnaturalização da experiência humana, já que mesmo que o homem se defina como produto do meio, algo denuncia sua diferença, algo que lhe é privado. É nesse contexto que a escrita autobiográfica se institui como tentativa de dar conta da existência e constituição humana, é uma escrita que tem como objeto o *si próprio*. De acordo com a autora mencionada anteriormente, nessa narrativa do eu, o autor se constrói por meio da construção do narrador e do protagonista. A dramaticidade da vida individual é marcada pela história e pela sociedade, é por isso que a *história de vida* tem fundamental importância nas investigações sociais, servindo como uma estratégia para a compreensão da realidade.

É por isso que a literatura autobiográfica proporciona a memória coletiva (Halbwachs 1968), que é constituída por acontecimentos que não foram presenciados por um determinado indivíduo, mas que são lembrados, pois foram conhecidos por outros meios, um desses meios é a literatura, pois a escrita registra os pensamentos por um longo prazo. A memória coletiva é uma memória emprestada, comum a um determinado grupo social, é um quadro em que a memória individual pode se apoiar. Segundo Halbwachs(1968), só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo, nossa memória não é uma reprodução de experiências passadas, mas sim, uma construção que se faz a partir delas no presente. É este olhar sobre o outro que nos constitui, que nos faz refletir e que torna possível mudanças sociais.

A EDUCAÇÃO DE HELEN KELLER

Helen Keller apresenta em sua autobiografia muito lirismo e uma escrita rica em detalhes, a partir do seu livro, podemos dizer que a sua história foi construída pela a educação, ela enfatiza minimamente todos os detalhes da sua educação, toda a sua vida é descrita como um período de grandes descobertas proporcionadas pela linguagem e pelo processo de ensino-aprendizagem em conjunto com Anne Sullivan, sua professora. A primeira descoberta vem com o conhecimento das primeiras palavras, através do alfabeto manual soletrado na palma da sua mão. Verificamos esse acontecimento a partir deste trecho :





VII ENLIJE

(T1)

De repente senti uma consciência envolta em um nevoeiro, como algo de algo esquecido - o eletrizar de um pensamento que voltava; e de algum modo o mistério da linguagem foi revelado em mim. (KELLER,2008,p.21)

Helen estava descobrindo o mundo através da linguagem. A literatura teve um papel muito importante nessa descoberta, foi a literatura que criou nela o desejo pela escrita, não só pela escrita, mas também pela leitura, fazendo com que ela aprendesse outras línguas (francês, alemão, latim e grego). Era a literatura que fazia com que ela se sentisse incluída na sociedade, podemos observar isso neste trecho:

(T2)

Literatura é minha Utopia, ali eu não sou deficiente. Nenhuma barreira dos sentidos me exclui do discurso doce e gracioso dos meus amigos livros. (KELLER,2008,p.21)

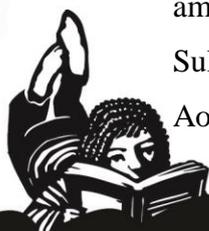
Keller viveu em um período extremamente oralista nos Estados Unidos, sendo assim sua educação foi muito influenciada por esse período. Essa influência ocorre de forma mais direta para Keller, pois ela era muito próxima do Dr. Alexander Graham Bell, este não só recomendou a professora Anne Sullivan para a família de Helen, como também tornou-se muito próximo dela, no livro encontramos várias cartas direcionadas a Graham Bell que demonstram esse vínculo de amizade que os dois mantinham. Por isso, durante o livro ela enfatiza que gosta mais da fala que do alfabeto manual, por essa razão se esforçou muito para falar e finalmente aprendeu a falar utilizando o método Tadoma, observamos isso a partir da desta descrição:

(T3)

Eu costumava fazer ruídos com uma das mãos na garganta, enquanto sentia com a outra os movimentos dos meus lábios. (KELLER,2008,p.56)

Apesar das dificuldades, próprias de uma pessoa surda-cega nesta época, Helen insistiu em inserir-se na vida acadêmica, aprendeu a datilografar através de uma máquina de escrever apropriada para pessoas cegas, o Braille foi de fundamental importância para a formação da escritora. Todo esse amor pela educação foi desenvolvido a partir da relação de amizade com a sua professora. Ao longo do livro, Helen descreve o seu amor por Anne Sullivan, afirmando que Sullivan nunca lhe tratou como deficiente e era isso que a encantava.

Ao final do livro, nas cartas escritas por Sullivan, notamos que a professora entendia que o





processo de ensino aprendizagem era formado por uma interação, do aprendiz com o meio, por conseguinte nesta concepção Helen seria dotada de conhecimentos próprios de sua experiência particular com o mundo. Observamos isso no trecho a seguir:

(T4)

Se as experiências e observações dela não a tivessem conduzido aos conceitos, ela não teria onde colocar as etiquetas-palavras. (KELLER, 2008,p.348)

CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS-CEGOS

Baseados em Teixeira (2003), podemos perceber que a literatura autobiográfica é um meio de afirmar as singularidades de cada indivíduo. Desta forma, percebemos a singularidades próprias de Helen, vislumbramos um lugar social único de uma mulher surda-cega, americana, que amava a linguagem, a literatura, a educação e que viveu esse período histórico único, marcado pelo oralismo, pela visão de que surdo era deficiente, desprovido de inteligência e de pensamento. Em uma sociedade que não pensava em inclusão, pois a inclusão só acontece quando todos os sujeitos têm a oportunidade de atuar igualmente em sociedade sem ser discriminados por classe social, pela condição física entre outras diferenças. Sendo assim, observamos que Helen não obteve uma educação e nem participou de um ambiente social inclusivo, e sim de uma integração na sociedade ouvinte.

Entendemos que essa literatura do *eu* transcende o espaço individual e torna-se algo coletivo, pois quando pensamos em Helen também pensamos não só no lugar do surdo na sociedade, mas também no lugar do ouvinte. Durante a história da educação de surdos, observamos que muitas decisões foram tomadas por ouvintes e não pelo surdos, a exemplo dessa fase oralista nos Estados Unidos. Quando lançamos um olhar sob os surdos no Brasil, baseados em Gesser (2009), observamos várias crenças e preceitos em torno da língua de sinais e da realidade do surdo, como a ideia de que Libras é mímica, que o surdo não tem capacidade de pensar em coisas abstratas, que a surdez é uma deficiência de ordem física e que pode interferir também na cognição. São discursos pré-concebidos motivados por desconhecimento da cultura surda bem como da língua de sinais. Hoje, entendemos que existe uma comunidade surda, com língua e cultura próprias, a surdez não é mais tomada como uma doença, mas como uma característica, uma identidade, uma diferença, como qualquer outra diferença que se tem na sociedade.

Logo, essa literatura contribui para a memória coletiva do leitor, porque por mais que a história tenha acontecido em um espaço e tempo diferentes, o leitor consegue se identificar.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

tendo em vista que essas discussões ainda fazem parte da realidade brasileira. As ideias pré concebidas citadas anteriormente são rompidas através dessa leitura, considerando-se que Helen demonstrou muita inteligência, mesmo antes de adquirir alguma linguagem, demonstrando detalhadamente através de suas descrições como os seus pensamentos eram complexos. Keller, como a maioria dos artistas, era muito sensível ao mundo ao seu redor, ela acreditava que existia uma cegueira social na sociedade, muito pior que a cegueira física, pois não enxergava as minorias, do qual ela se sentia parte.

Essa memória coletiva, criada por essa literatura, tem o poder não só de nos fazer lembrar, mas de mudar esse discurso preconceituoso, pois ela nos tira do nevoeiro de desconhecimento. Um discurso mudado tem o poder de mudar outros discursos, gerando alteridade e reflexão sobre o lugar do surdo na sociedade. Quando pensamos no lugar do surdo na vida acadêmica encontramos ainda muitos problemas, as escolas não estão preparadas para incluir surdos porque não disponibilizam materiais adaptados para seu ensino/aprendizagem, fora o desconhecimento da língua de sinais, ou de outras linguagens utilizadas pelos surdos.

Ainda hoje existem poucos surdos dentro do ensino superior no Brasil e poucos surdos dentro de cursos que não estejam ligados à Libras, Helen foi uma exceção ao seu tempo, por ter cursado filosofia. Desta maneira, percebemos a importância do professor na educação de surdos, Sullivan nunca viu Hellen como um ser inferior e isso fez com que a escritora tivesse motivação para prosseguir seus estudos. Entendemos também que a literatura tem um papel fundamental para a vida de qualquer ser humano, ela foi umas das responsáveis pela motivação de Helen e pela transformação da mesma, pois para a literatura não existem barreiras sociais. Diante disso, tendo em vista todas as dificuldades de inclusão dos surdos na escola regular, a escola bilíngue torna-se uma opção mais viável para a educação de surdos. Acreditamos que as oportunidades de inserção em uma escola/ universidade seja regular ou não devem ser oferecidas, e é o surdo que deve escolher o que lhe apraz, não os ouvintes, para que essa educação seja feita de forma democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a partir da obra estudada que a literatura abre fronteiras tanto para quem lê como para quem escreve, é a partir da escrita de Helen que podemos, mesmo sendo diferentes, imaginar o lugar do surdo na atualidade. Vemos que as fronteiras culturais também





VII ENLIJE

são rompidas pela literatura, pois ela nos faz refletir sobre a cultura ouvinte e a cultura surda e nos faz perceber que em parte essa história ainda se repete nos dias de hoje, apesar dos progressos que foram alcançados. É importante enxergar as diferenças de cada um, mas também é importante saber que essas diferenças não devem ser justificativas para excluir essas pessoas dos espaços sociais que pertencem a todos, como as instituições de ensino. Essa obra é extremamente rica para a educação, pois nos faz pensar sobre inclusão e sobre o processo de ensino-aprendizagem que se torna progressivo quando o professor entende as capacidades do aluno, utilizando metodologias apropriadas, como o ensino a partir da literatura, que como vimos tem o poder de transformar e incluir todos os tipos de pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GESSER, Audrel. **LIBRAS? Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. 1º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda – linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª ed. São Paulo: Plexus, 1997.

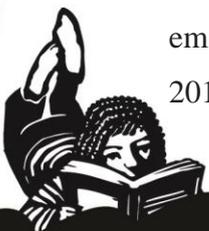
HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2ª Ed. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA, 1990.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?..1º Ed.** São Paulo: Moderna, 2003. 50, p.

KELLER, Helen. **A história da minha vida**. 1º ed. Tradução de Myriam Campello. São Paulo: José Olympio, 2018. 518p.

SCHWARTZ, Sandrine. **Eléments pour une analyse de la langue de signes tactile pratiquée par les personnes sourdes-aveugles**. Université Paris VIII - St Denis Département de Sciences du Langage, 2003.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. **Escrita autobiográfica e construção subjetiva**. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642003000100004>>. Acesso em 15 de agosto de 2018.





VII ENLIJE

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 7. ed. São Paulo: Ícone, 2001. p. 103-119.



(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br